

ESSE MENINO ESTÁ MUITO ROSA... PINTEM-O DE AZUL! AS MANIFESTAÇÕES QUEER NA INFÂNCIA

Palavras-Chave: EDUCAÇÃO; GÊNERO; TEORIA QUEER; SEXUALIDADE INFANTIL;

Autores(as):

JOVÍ DA COSTA VIANA- FE/UNICAMP

PROFA. DRA. MARIA APARECIDA GUEDES MONÇÃO (orientadora)- FE/UNICAMP

INTRODUÇÃO:

Essa pesquisa busca compreender como as crianças que transgridem as normas de gênero vivem suas infâncias, lidando com o estigma de não corresponderem às convenções sociais de heteronormatividade. A escolha dessa temática se deve, determinantemente, por eu ser uma mulher trans/travesti que está se constituindo professora-pedagoga, que além de lidar com o estigma de ocupar uma profissão majoritariamente cis-feminina, revisita o passado escolar cotidianamente no trabalho docente, marcado por homofobia, bullying e traumas.

Assim como minha trajetória escolar foi árdua e difícil, as crianças/alunos brasileiros que apresentam características de uma sexualidade ou manifestações de gênero fora da "normalidade" também tornam-se vítimas em potencial de agressões verbais e físicas, ainda mais por viverem sob um país que é campeão em matar pessoas LGBTQIAP+ no mundo¹.

Em minhas experiências profissionais e nos estágios curriculares da graduação já pude vivenciar situações em que algumas crianças já demonstraram não se reconhecerem nas manifestações heteronormativas: “*João*, os meninos estão me chamando de viadinho”, o que me permitiu refletir sobre a minha prática de professor que educa crianças que ficam à margem escolar como um dia eu fiquei, como me portar em situações de preconceito. Como se constituir professor levando em consideração as implicações subjetivas de identidade e sexualidade, não corroborando discursos e práticas excludentes e assumindo a criança como um sujeito de direitos?

¹ Dados divulgados no Relatório realizado pelo Grupo Gay da Bahia. Disponível em: <https://sp.cut.org.br/noticias/brasil-segue-no-topo-dos-paises-onde-mais-se-mata-lgbts-4d85>. Acesso em 14 mai. 2022

METODOLOGIA:

Considerando o objetivo desta pesquisa, optou-se por uma perspectiva qualitativa realizada através de um levantamento bibliográfico em artigos publicados em periódicos científicos, como o Scielo, o Sistema de Bibliotecas da Unicamp o banco de teses e dissertações da Capes e nos Anais Eletrônicos do Grupo de Trabalho (GT) 23 da Anped- Gênero, Sexualidade e Educação. Outrossim, será feita uma análise da legislação vigente da área de educação envolvendo os documentos oficiais do Ministério da Educação.

A partir de um levantamento prévio realizado para a elaboração desse projeto com o estabelecimento das palavras-chave foram encontradas 39 pesquisas sobre essa temática, conforme tabela:

Repositório Acadêmico	Qte. de Publicações encontradas com as palavras-chave combinadas
Google Acadêmico	16
Scielo	10
Banco de Dissertações e Teses da Capes	4
Anais Eletrônicos do Seminário Internacional Fazendo Gênero- IEG/UFSC	4
Livros	3
Documentos Ministério da Educação	1
GT23 da Anped	1

Tabela 1 – Elaboração própria.

RESULTADOS E DISCUSSÃO:

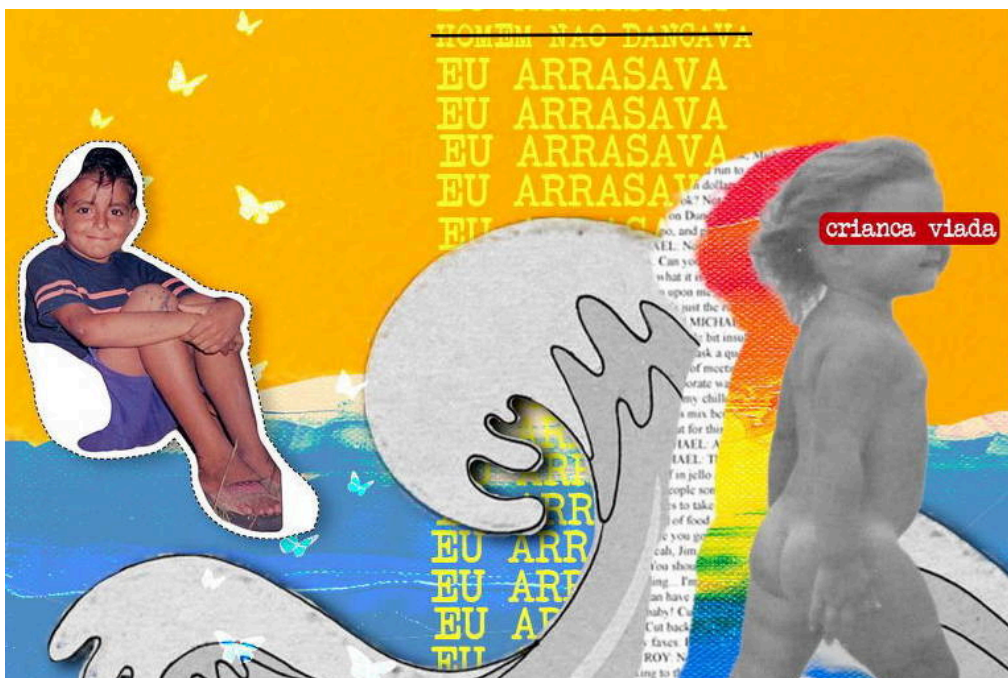
Vale ressaltar que as pesquisas elucidam o estigma posto sobre ações e comportamentos de algumas crianças no interior das instituições em que mais convivem: a família e a escola, elucidando a violência a qual estão submetidas, entre elas a falta de afeto, a negligência de seus sentimentos, o cerceamento de vivências e brincadeiras e até mesmo os ataques físicos e verbais (GARCIA, 2003; PASCOTO, 2006; SILVA, 2007).

É possível afirmar que neste cenário suas infâncias estão sendo experienciadas em sua plenitude, em consonância com os direitos consolidados de bebês, crianças e adolescentes?

Em alguns momentos da pesquisa utilizamos termos como “criança viada”, “criança dissidente” ou “criança queer”, que podem ser interpretados de forma pejorativa devido a criação e uso que tiveram na sociedade. A proposta, no entanto, não é reforçar preconceitos com o uso dos mesmos, mas por compreender o ressignificado que vem recebendo e como

estão sendo incorporados pelos grupos identitários. Até meados do século XIX queer (palavra de origem inglesa) era usada para insultar homossexuais devido ao seu significado, que em tradução livre é “estranho”, peculiar. A apropriação do termo para designar um termo guarda-chuva em referência a minorias sexuais e de gênero e também para nomear a então Teoria Queer foi um movimento que se desenvolveu na década de 1990 nas Ciências Humanas e Sociais, sobretudo nos estudos literários, linguísticos e organizacionais.

Para Berenice Bento (2015), há um “abrasileiramento dos estudos/ativimos queer” quando alguns grupos também se apropriam de alguns termos pejorativos como “viado”, “bicha”, “sapata” como identidades próprias, genuínas. Compreendemos que a teoria não engloba apenas aspectos de identidade, sujeito, performatividade, performance e identificação, mas que figura até mesmo um verbo (ação) que se contrapõe a outras formas hegemônicas de categorias identitárias presentes em nossa sociedade (SOUZA, 2016).



‘Criança Viada’ Fonte: Folha UOL, 2021, reprodução.

No Ministério da Educação encontramos um único documento oficial, que foi elaborado pela Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade (Secad/MEC), em parceria com a UNESCO. Intitulado “Diversidade Sexual na Educação: problematizações sobre a homofobia nas escolas”, foi publicado em 2004, o que demonstra uma discussão antiga e que não prevaleceu na instância nacional que regulamenta e norteia a educação básica brasileira, sobretudo com o desmonte das políticas públicas que tinham as questões de gênero como pauta.

CONCLUSÕES:

Nos respaldamos na teoria queer e a utilizamos como ponto de partida da pesquisa por entender que oferece subsídios para se debater as questões de gênero de forma mais ampla do que o espectro binário homossexual x heterossexual e até mesmo de não condicionar um entendimento de uma sexualidade (im)posta, sobretudo pela proposta de focalizar a análise com crianças. A análise dos dados indica que as crianças que não se adequam a imposição heteronormativa vivem em meio ao silenciamento e ao medo, não usufruindo plenamente de suas infâncias, e sobretudo da dignidade humana.

Sinto muito por essa discussão ainda não ter a devida atenção nos cursos de formação de professores como o meu e de tantos outros, carecendo de ações acadêmicas para nos respaldar quando encararmos situações de bullying e homofobia de frente. E se um dia, talvez, esses discursos se concretizem no nosso fazer-docente que não sejam mais um emaranhado de burocracias e aulas de um currículo generalizado que se apropria de nossas vivências para torná-las conteúdos. A proposta de uma dita *Pedagogia queer* é romper com esse *modus operandi*.

Além disso, penso que a escola, enquanto instituição que existe por, para e com crianças, deve lembrar destes princípios para que as manifestações de gênero tidas como dissidentes sejam toleradas, respeitadas e exercidas no limite de seus muros sem a sombra heteronormativa que insiste em nos reprimir, nos agredir, nos insultar, fingir que não existimos. Que nos mata.

BIBLIOGRAFIA

BENTO, Berenice. É o queer tem pra hoje? Conversando sobre as potencialidades e apropriações da Teoria Queer ao Sul do Equador. Revista Áskesis, janeiro/junho - 2015.

CÉSAR, Maria Rita de Assis. Gênero, sexualidade e educação: notas para uma "Epistemologia". Educar em Revista [online]. 2009, n. 35 [Acessado 12 Maio 2022], pp. 37-51. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0104-40602009000300004>>. Epub 10 Mar 2010. ISSN 1984-0411. <https://doi.org/10.1590/S0104-40602009000300004>.

FINCO, Daniela. Educação infantil, espaços de confronto e convívio com as diferenças: análise das interações entre as professoras e meninas e meninos que transgridem as fronteiras de gênero. Tese de Doutorado- Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo. 216 p. São Paulo, 2010.

PARAÍSO, Cristina d'Ávila Reis Marlucy Alves. Normas de gênero em um currículo escolar: a produção dicotômica de corpos e posições de sujeitos meninos-alunos. *Estudos Feministas*, Florianópolis, 22(1): 416, janeiro-abril/2014.

RANNIERY, Thiago. No balanço da “teoria queer” em educação: silêncios, tensões e desafios. *Sexualidad, Salud y Sociedad (Rio de Janeiro)* [online]. 2017, n. 25 [Acessado 12 Maio 2022] , pp. 19-48. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1984-6487.sess.2017.25.02.a>>. Epub Jan-Apr 2017. ISSN 1984-6487. <https://doi.org/10.1590/1984-6487.sess.2017.25.02.a>.

SILVA, Isabel de Oliveira e; LUZ, Iza Rodrigues da. Meninos na Educação Infantil: o olhar das educadoras sobre a diversidade de gênero. *Cadernos Pagu* (34), jan-jun 2010.

SOUZA, Eloisio Moulin de. A Teoria Queer e os Estudos Organizacionais: Revisando Conceitos sobre Identidade. *Rev. adm. contemp.* [online]. 2017, vol.21, n.3, pp.308-326. ISSN 1982-7849. <https://doi.org/10.1590/1982-7849rac2017150185>.

SOUZA, Érica Renata de. Marcadores sociais da diferença e infância: relações de poder no contexto escolar. *Cadernos Pagu* [online]. 2006, n. 26 [Acessado 12 Maio 2022] , pp. 169-199. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0104-83332006000100008>>. Epub 09 Ago 2006. ISSN 1809-4449. <https://doi.org/10.1590/S0104-83332006000100008>.

WENETZ, Ileana; STIGGER, Marco Paulo; MEYER, Dagmar Estermann. As (des)construções de gênero e sexualidade no recreio escolar. *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte* [online]. 2013, v. 27, n. 1 [Acessado 12 Maio 2022] , pp. 117-128. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S1807-55092013000100012>>. Epub 08 Abr 2013. ISSN 1981-4690. <https://doi.org/10.1590/S1807-55092013000100012>.